

# Nas dissertações, nós ou eu?

Afixado por luis ricardo - 31/10/06 12:10

Umberto Eco, no seu livro "Como se Faz Uma Tese em Ciências Humanas", recomenda o uso do "eu". Existem que exigem esta posição aos seus orientandos e ainda outros que não se manifestam, sendo-lhes indiferente. Mas, contudo, quando a natureza dos estudos tiver uma componente etnográfica e porque o trabalho etnográfico vive do eu do investigador (Silva, 2003, p. 71), e também porque o texto etnográfico deve sempre utilizar a primeira pessoa singular (Ball, cit. ibidem), parece-me que serí mais indicado seguir este caminho. Como as características da abordagem qualitativa se confundem com as características do método etnográfico, sendo esta comparação acentuada na obra de Bogdan e Biklen (1994), de Caria (2002) e de Silva (2003), não fosse a referência à "descrição profunda" (Bogdan e Biklen, 1994, p. 59) ou ao "vocabulário diferente" (ibidem), onde acrescentam que actualmente os investigadores utilizam o termo etnografia quando se referem a qualquer tipo de estudo qualitativo, uma vez que ambos acentuam a vertente descritiva relativamente a conversas e pormenores com pessoas e locais, o uso do "eu" numa investigação predominantemente qualitativa (intensiva) tem todo o sentido. Outras das razões à coerência descritiva, e evitar alguns contra-sensos sem qualquer lógica, como por exemplo afirmar que "os membros do conselho executivo na Escola". Parece-me também, que não se deve "responsabilizar" ou mesmo "abusar" do orientador que "eu" vislumbramos, quando de facto fui "eu" que vislumbrei. No entanto, a demarcação de qualquer pretensão que esta posição possa sugerir é essencial, pois, na verdade, não pode existir senão humildade em trabalhos com este cariz. Até porque, dado as inúmeras, evidentes e naturais indicações com constantes alertas no sentido de reencontrar o caminho e escolha dos instrumentos mais adequados por parte do orientador, o "eu", nesta perspectiva, seria mais apropriado. Ou seja, dever-se-á considerar o "eu" como sendo um "nós", como afirmou, Ricardo Vieira em provas de agregação (15-Mar-2006 no ISCTE), em frente a António Nogueira, Luísa Cortes, Raul Iturra, entre outros.

No que se refere à abordagem extensiva (quantitativa), o infinitivo, parece ser o mais adequado, pois tratam-se de constatações que todos podem facilmente verificar. Não sou "eu" nem somos "nós", digamos que é o "trabalho" de analisar essas asserções.

Se existir uma triangulação, entendida como uma combinação de metodologias no estudo dos mesmos fenómenos (Patton, cit. Carmo e Ferreira, 1998, p. 183), entre a abordagem intensiva e a abordagem extensiva, acentuado pelo mesmo autor (ibidem) como "uma forma de tornar um plano de investigação mais sólido", não deverá chocar ninguém ver os géneros correspondentes em cada uma das partes.

## Referências bibliográficas:

BOGDAN, Robert; BIRKEN, Sari "Investigação Qualitativa em Educação. Porto: Porto Editora, 1994

CARIA, Telmo (org.) "Experiência Etnográfica em Ciências Sociais. Porto: Afrontamento, 2002

CARMO, Hermano; FERREIRA, Manuela M. - Metodologia da Investigação - Guia para Auto-aprendizagem. Lisboa: Universidade Aberta, 1998

SILVA, Pedro "Etnografia e Educação. Reflexões a Propósito de uma Pesquisa Sociológica. Porto: Profedição, 2003

=====